

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo
(Organizador)

A Psicologia
Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psyché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819121	
CAPÍTULO 2	15
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819122	
CAPÍTULO 3	30
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819123	
CAPÍTULO 4	42
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819124	
CAPÍTULO 5	54
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819125	
CAPÍTULO 6	68
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819126	
CAPÍTULO 7	80
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819127	
CAPÍTULO 8	95
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819128	

CAPÍTULO 9 109

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

Lara Brum de Calais

Juliana Perucchi

DOI 10.22533/at.ed.1621819129

CAPÍTULO 10 125

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

Mariana Luciano Afonso

DOI 10.22533/at.ed.16218191210

CAPÍTULO 11 130

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Renata Câmara Spinelli

DOI 10.22533/at.ed.16218191211

CAPÍTULO 12 147

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

Erlândia Silva Pereira

Maristela de Souza Pereira

Rogério de Melo Costa Pinto

Helena Borges Martins da Silva Paro

DOI 10.22533/at.ed.16218191212

CAPÍTULO 13 162

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

Erik Cunha de Oliveira

Saulo Santos Menezes de Almeida

Juliana Souza Vaz Ribeiro

Alexsandro de São Pedro Santiago

DOI 10.22533/at.ed.16218191213

CAPÍTULO 14 171

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Roberta Cristina Gobbi Baccarim

Grazielle Tagliamento

DOI 10.22533/at.ed.16218191214

CAPÍTULO 15 186

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

Júlia Arruda da Fonseca Palmiere

Anita Guazzelli Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.16218191215

CAPÍTULO 16 196

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

Hudson Henrique de Oliveira Masferrer

Emerson Fernando Rasera

DOI 10.22533/at.ed.16218191216

SOBRE O ORGANIZADOR 210

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

Mariana Luciano Afonso

RESUMO: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em Psicologia Social, em fase final. Discute-se a opressão política das mulheres - ou a desigualdade de gênero – enquanto um problema social e histórico de graves consequências objetivas e subjetivas. É gerador de uma modalidade de sofrimento coletivamente compartilhado: a humilhação social, um sofrimento ancestral e repetido. São apresentadas estratégias de enfrentamento da humilhação social, alcançadas e praticadas por mulheres que participam de um movimento social feminista: a Marcha Mundial das Mulheres. Os métodos utilizados orientam-se pelos pressupostos da pesquisa qualitativa em Psicologia Social. Como resultados iniciais, observamos momentos marcantes nas trajetórias de vida das depoentes em que elas relatam formas distintas de vivenciar e enfrentar a humilhação social.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; humilhação social; memória; enfrentamento.

ABSTRACT: The present work is the result of a research in progress in Social Psychology. The political oppression of women - or gender inequality - is discussed as a social and historical problem of serious objective and subjective

consequences. It generates a collectively shared mode of suffering: social humiliation, an ancestral and repeated suffering. Strategies for coping with social humiliation practiced by women who participate in a feminist social movement are presented. The feminist social movement is the World March of Women. The methods used are guided by the presuppositions of qualitative research in Social Psychology. As initial results, we observe striking moments in the life trajectories of the deponents in which they report different ways of experiencing and facing social humiliation.

KEYWORDS: Women; social humiliation; memory; coping.

O presente texto é fruto de uma pesquisa de doutorado em fase final e visa apresentar de maneira sintética algumas reflexões baseadas em seus resultados parciais. O texto está estruturado em três partes.

Na primeira seção busca-se realizar algumas considerações teóricas sobre o sofrimento psicológico causado por estruturas sociais desiguais – que são produzidas pelo (e contribuem para a manutenção do) sistema socioeconômico capitalista, que por sua vez é racista e patriarcal.

Na segunda parte do texto apresenta-se o

método utilizado na pesquisa. Na terceira seção é realizada uma breve apresentação inicial dos resultados parciais da pesquisa.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS: OPRESSÃO FEMININA, SOFRIMENTO PSICOLÓGICO E HUMILHAÇÃO SOCIAL

Estruturas sociais econômicas e políticas desiguais, além de perpetuarem opressões e injustiças, causam intenso sofrimento psicológico. Em 1846, a partir da leitura de Jacques Peuchet, Karl Marx ainda jovem, escreveu um breve ensaio sobre o suicídio chamando a atenção para determinações sociais deste fenômeno que ainda hoje é, tantas vezes, enxergado apenas – ou predominantemente - de maneira individualizada. Tampouco o suicídio é tratado pelo autor exclusivamente como fruto de *atos sociais* alheios e exteriores aos sujeitos; mas sim como resultado da interação de homens e mulheres com as estruturas sociais, de maneira dialética.

Dos quatro casos de suicídio discutidos por Marx (2008), três foram de mulheres. É possível extrair dessa obra o intenso sofrimento vivenciado por essas mulheres como fruto da ordem patriarcal, esse sofrimento, em sua expressão máxima, culmina no suicídio. Dos casos analisados, é possível considerar que a dor e angústia daquelas mulheres relacionavam-se principalmente aos seguintes elementos: impossibilidade de decidir sobre o próprio corpo, não tendo acesso a direitos sexuais e reprodutivos que poderiam possibilitar o direito ao aborto no caso de uma gravidez indesejada; culpa e condenação moral relacionadas ao exercício da sexualidade (de uma jovem com seu noivo um dia antes do casamento); vigilância, controle e cerceamento de liberdade uma jovem esposa pelo ciúme de seu marido.

Embora o texto de Marx (2008) tenha sido escrito há mais de 170 anos, percebe-se uma atualidade muito grande nesses elementos que até hoje constituem a dominação-exploração das mulheres – termo que utilizamos aqui tal como em Saffioti (2011) -, sendo geradores de forte sofrimento psicológico.

A desigualdade de gênero tem em seu cerne o patriarcado, conceito que aqui empregamos como em Saffioti (2011) onde é estendido às sociedades em que seja notável o poder dos homens enquanto categoria social, o que então pode abranger sociedades tão diversas quanto as sociedades clássicas da antiguidade e as sociedades urbano-industriais contemporâneas, as sociedades africanas e as sociedades mulçumanas. Segundo Narvaz & Koller (2006), o patriarcado assinala uma forma de organização social na qual as relações institucionais são regidas por ao menos dois princípios: as mulheres estão, hierarquicamente, subordinadas aos homens e os jovens estão, hierarquicamente, subordinados aos homens mais velhos. Segundo as autoras, a supremacia masculina acompanhou um maior valor atribuído às atividades masculinas em detrimento das femininas, legitimou o controle dos corpos e

da sexualidade femininas, refreou ou eliminou a participação das mulheres no governo do trabalho ou da cidade, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais os homens têm prerrogativas e vantagens: “As diversas formas de discriminação e de violência contra as mulheres são manifestação de relações de poder historicamente desiguais” (p.51). Dessa forma, o patriarcado não abrange apenas a esfera familiar, atravessando a sociedade como um todo (SAFFIOTI, 2011).

Em estudo sobre famílias e patriarcado, Narvaz & Koller (2006, p.55) afirmam: “A despeito das conquistas sociais e legais das mulheres, papéis e relações assentadas em discriminações e desigualdades de gênero permanecem neste novo século e invadem as ciências, as artes, a política; invadem, enfim, a cotidianidade de nossas vidas”.

Gonçalves Filho (1998) acentua o impedimento político e a reificação de pessoa como constituintes da humilhação social. A desigualdade de gênero faz com que as mulheres vivenciem esses dois fenômenos: o impedimento político, pois, historicamente subordinadas, sofrem continuamente interdições de ação e de palavra; e a reificação, uma vez que são frequentemente tratadas como coisas quando reduzidas a corpos disponíveis, expostos ao abuso. Desta forma, pode-se falar nesta modalidade de sofrimento que é político, ancestral, compartilhado por pessoas de um grupo longamente subordinado, um sofrimento também psicológico, pois afinal atinge e constrange o corpo e o psiquismo: a humilhação social.

Especificamente sobre a humilhação feminina, Gonçalves Filho (2003, p. 197) chamou atenção sobre situações socialmente divididas pelas mulheres:

(...) quando neutralizadas por seus pais, irmãos e maridos, por seus professores e seus chefes, quando ouvidas como peças domésticas ou por condescendência sexual, quando tidas por reclamonas previsíveis, sem voto ou incluídas nos negócios de governo apenas como mais um soldado alinhado.

Mulheres lutaram e lutam contra posições e discursos em que ficaram inferiorizadas. As mulheres, assim como os negros, não são sujeitos passivos, especialmente junto de seus iguais, como quando organizados em movimentos sociais:

Produzir contrarrepresentações, outras representações, que não reduzam a objetividade da condição negra e feminina às tentativas de lhe construir enquanto negatividade, tem sido parte da luta dos movimentos negros e do movimento de mulheres (JOVCHELOVITCH, 1998, p. 78).

Desta forma, busca-se analisar as estratégias de enfrentamento da humilhação social, alcançadas e praticadas por mulheres que participam de um movimento social feminista: a Marcha Mundial das Mulheres.

Tendo em vista as diferentes formas de ser mulher e suas relações intrínsecas com outros marcadores sociais da diferença (especialmente com os de raça e classe), os mesmos também tem sido levados em consideração na análise dos depoimentos. Para isto, apoiamo-nos em conceitos como os do *nó de gênero*, de Saffioti (2011); de

interseccionalidade (ABREU; HIRATA; LOMBARDI, 2016); e de *cosubstancialidade* (KERGOAT, 2010), que preveem imbricações das relações de gênero com as de raça e classe.

2 | MÉTODO

Os métodos utilizados orientam-se pelos pressupostos da pesquisa qualitativa em Psicologia Social: foram realizadas observações participantes em núcleos e atividades da Marcha Mundial das Mulheres; estão sendo analisados textos e documentos produzidos por este movimento social; e entrevistas de longa duração que colhem as histórias de vida das depoentes através do trabalho da memória. Foram realizadas entrevistas de longa duração com oito mulheres.

Nas entrevistas combinam-se perguntas exploratórias e livres relatos orais de história de vida, de modo a deixar as entrevistadas logo à vontade para explorarem nossas questões como desejarem, de maneira aberta e orientadas pela memória mais do que por nós. Os dados recolhidos dessas diferentes fontes estão sendo organizados e analisados de maneira independente e cruzada.

3 | APRESENTAÇÃO INICIAL DOS RESULTADOS

Como resultados preliminares, observamos diferentes momentos nas trajetórias de vida das entrevistadas, em que as depoentes relatam formas distintas de vivenciar e enfrentar a humilhação social.

O enfrentamento da humilhação social vivida por mulheres parece poder ganhar três formas: o enfrentamento solitário; o recurso cotidiano a parceiras com quem dividir e interpretar angústias; e o incurso em formas igualitárias de convivência, colaboração e luta, visto como capaz de conquistar direitos. Temos encontrado o primeiro e segundo tipos de enfrentamento nas trajetórias de mulheres antes de sua inserção na Marcha e o terceiro tipo depois da inserção.

As mulheres que ouvimos parecem ter alcançado identidade que contrasta com aquela trazida antes de sua inserção na Marcha e, portanto, numa forma política de enfrentamento de humilhação social; a nova identidade terá dependido da participação em lutas coletivas contra opressões de gênero e, em muitos casos, contra opressões de raça e de classe.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. R. P.; HIRATA, H.; LOMBARDI, A. R. (Orgs). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas inteseccionais**. São Paulo: Boitempo. 2016.

GONÇALVES FILHO, J. M. **Humilhação Social – Um problema político em Psicologia**. Revista Psicologia USP, v. 9, n. 2. São Paulo. 1998

_____. Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK A. (org.) **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez. 2003. p. 193-239.

KERGOAT, D. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais**. Novos estudos, n. 86. São Paulo. 2010. p. 93-103.

JOVCHELOVITCH, S. Re(des)cobrimo o outro – Para um entendimento da alteridade na Teoria das Representações Sociais. In: ARRUDA, A. (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998, p. 69 – 82.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan./abr. 2006, p. 49-55.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162